

# **MINHAS PRIMEIRAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

Vanessa Maria Teixeira/ Graduada em Pedagogia –  
CFP/UFCG

Marla Lima Sarmiento/ Graduada em Pedagogia – CFP/UFCG

Débia Suênia da Silva Sousa/Professora do Curso de Pedagogia  
/ CFP/UFCG

## **Resumo**

O seguinte artigo tem como objetivo relatar as primeiras experiências de práticas pedagógicas vivenciadas no decorrer da realização de um estágio supervisionado em educação infantil, sendo um momento de grande relevância nos cursos de formação de professores. Utilizou-se como material de registro as reflexões teóricas acerca da temática, o portfólio e o diário de campo que foram elaborados pelas estagiárias no decorrer do período de observação e prática pedagógica em sala de aula. O resultado alcançado pelas futuras professoras foi a real compreensão de uma realidade pedagógica sobre uma sala de educação infantil o que contribuiu para as mesmas refletirem sobre como devem articular os seus conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer de suas formações e a prática real de uma sala de aula, como um espaço de descobertas, conflitos e contradições, no que se refere a busca por uma aprendizagem satisfatória dos educandos.

**Palavras-chave:** Prática pedagógica. Estágio Supervisionado. Educação Infantil.

## **Introdução**

Este artigo trata-se de uma reflexão articuladora entre nossas experiências teóricas e práticas vivenciadas no decorrer do período de Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Este se constituiu em um período de grande relevância em nossa formação enquanto futuras pedagogas, pois, durante o mesmo, nos deparamos com os distanciamentos e aproximações dos estudos teóricos realizados no decorrer das disciplinas cursadas na universidade e as atividades práticas vivenciadas no dia a dia de uma sala de educação infantil

As experiências vivenciadas nos possibilitaram perceber a realidade que constitui a prática cotidiana das escolas de educação infantil, assim como revermos paradigmas que alicerçam as teorias pedagógicas que são norteadoras para o trabalho docente, processo essencial e indispensável nos cursos de licenciatura em pedagogia. Nossas reflexões se orientaram sobre os conceitos de Selma Garridos Pimenta (2004),

que aborda as diferentes concepções acerca do estágio em um primeiro momento. Na sequência aponta-se as nossas experiências vivenciadas no decorrer da observação e da prática didática em uma sala de educação infantil.

## **Metodologia**

Utilizou-se como material de registro o Portfólio e o Diário de Campo que foram elaborados no decorrer de nossa prática em sala de aula. No Portfólio constam todos os planejamentos de aulas realizadas no dia a dia de nossa prática didática, assim como recursos e procedimentos utilizados para alcançar os objetivos propostos. O Diário de Campo constitui-se de registros de nossas experiências vivenciadas em sala de aula, assim como nossas impressões acerca de nossa prática pedagógica. “Nele diariamente podemos colocar nossa percepção, angústia, questionamento e informação que não são obtidas através da utilização de outras técnicas” (NETO, p.63). Os registros históricos além de serem recursos de preservação, assim como registra o autor. Portanto, serviu como suporte teórico metodológico para embasar nossas reflexões sobre a articulação entre teoria e prática no decorrer dessa experiência.

## **Considerações iniciais sobre a prática pedagógica**

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil é um período de descobertas e de conflitos para qualquer profissional que esteja em processo de formação, pois, é durante o mesmo que nos defrontamos com a realidade cotidiana dos campos de atuação profissional, procuramos articular os conhecimentos teóricos que adquirimos no decorrer de nossa formação acadêmica no Curso de Pedagogia, com as nossas práticas pedagógicas no âmbito da sala de aula.

Muitas são as discussões acerca deste período indispensável às grades curriculares dos cursos de formação acadêmica e em especial na área da educação. Muitos dos estudantes reclamam das dificuldades que encontram de articular os conhecimentos teóricos adquiridos pelas disciplinas dos cursos e a realidade de sua prática didática, dificultando assim sua adaptação no campo de atuação profissional.

Muitas são as dificuldades relatadas pelos estagiários no decorrer dos seus períodos de estágio, dentre elas as que mais se destacam são, falta de recursos para se

trabalhar em sala de aula; dificuldade de adaptação e não aceitação pelos próprios componentes da escola campo de estágio; pouco tempo para elaboração de aulas mais dinâmicas, já que, o estágio na maioria dos cursos de formação ocorre, concomitantemente, a outras disciplinas do curso, obrigando os alunos a estagiarem em um contra turno do horário de aula e, principalmente, os relatos de dificuldades de aplicações dos conteúdos que na maioria das vezes não se adéquam a realidade das crianças encontradas em sala de aula.

O estágio nesta realidade acaba deixando de ser uma oportunidade de o estagiário explorar todo o conhecimento que vem adquirindo no decorrer de sua formação, transformando-o em metodologias que venham a inovar a sua prática pedagógica e passa a ser um momento de mera imitação de modelos e práticas já existentes, sem que haja a mínima reflexão sobre os objetivos propostos, o que Pimenta chama de prática mecanizada, ao afirmar que:

A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que a uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Tanto é que freqüentemente os alunos afirmam que 'na minha prática a teoria é outra'. (2004, p. 37).

Essa realidade ocorre, porque mesmo já se tendo conhecimento da importância da escola como um espaço amplo de experiências e possibilidades de formação integral do educando, e após muitas discussões teóricas acerca da formação de professores capacitados para garantir esse processo, na maioria das escolas da rede pública de ensino, há um grande descaso por parte dos governantes que pouco investem em recursos para dar suporte a esses novos profissionais que chegam as salas de aula com essas ideias inovadoras. Sendo esta uma das dificuldades mais citadas diante da prática dos estagiários quando afirmam que: "Até um ano atrás eu tinha certeza de que estava tendo uma boa formação. Agora, estou chocada com a realidade daquelas crianças, e nem sei por onde começar. Na prática a teoria é outra." (LIMA, 1990 Apud PIMENTA, p.33).

Essa realidade, então, acaba causando grande frustração nos estagiários que têm dificuldades de transformar seus conhecimentos em aulas produtivas que realmente ofereçam suporte para um desenvolvimento integral das crianças em seu processo de formação, se acomodando a maioria das vezes com a realidade que lhe está sendo proposta.

Um dos caminhos para se enfrentar esta difícil realidade é buscar fazer com que o estágio seja fundamentado pela pesquisa, ou seja, que não se constitua apenas como um período de constatação teórica, mas sim, um momento de descobertas e novas realidades, que podem ser modificadas ou aprofundadas se utilizando dos conhecimentos teóricos trazidos pelos cursos de formação de professores e que devem ser aplicados no cotidiano das escolas. Trata-se de superar a fragmentação existente entre teoria e prática, sendo necessário:

[...] explicitar os conceitos de prática e teoria como compreendemos a superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção da escola dos professores, dos alunos e da sociedade (PIMENTA, 2004, p.34).

Para isso, torna-se indispensável instigar nos estagiários o espírito da criticidade e investigação, para que não se acomodem com a realidade que lhes é apresentada de imediato, que possam ser capazes de ir além do que lhes está oferecido e mesmo nas dificuldades sejam capazes de encontrar soluções plausíveis para resolver os problemas e dificuldades que venham a surgir durante a sua prática pedagógica.

### **Observando a realidade na sala de aula**

O período de observação durante o Estágio em Educação Infantil constituiu-se como uma oportunidade de realizarmos o nosso primeiro contato com a realidade de uma sala de aula, no qual constatamos que muitas são as dificuldades encontradas pelos professores, que na maioria das vezes não dispõem de recursos para inovar sua prática pedagógica, quase sempre, limitando-se, apenas, aos métodos tradicionais. Portanto, verificamos que ocorre diferentemente de muitos estudos na área da educação infantil que apontam a escola e a creche como um espaço amplo que deva proporcionar o desenvolvimento integral das crianças. Assim, nos ancoramos em Oliveira quando esta ressalta:

[...] propomos que a creche e a pré-escola busquem aproximar cultura, linguagem, cognição e afetividade como elementos constituintes do desenvolvimento humano e voltados para a construção da imaginação e da lógica, considerando que estas, assim como a sociabilidade, a criatividade, tem muitas raízes e gêneses. (2002, p.45).

A realidade observada na creche se distancia dos objetivos propostos, pois os recursos físicos e metodológicos eram precários, realidade esta relatada em nossos escritos de observação:

No primeiro dia de observação na instituição, percebemos que a creche apesar de limpa e bem organizada era muito precária, disponibilizando de poucos recursos para favorecer o desenvolvimento das crianças, apesar de ter muito espaço no pátio e nas salas, não tinham brinquedos, a professora não tinha livros infantis, até mesmo os lápis eram poucos para fazerem as atividades, existiam alguns cartazes nas paredes, a ventilação era muito pouca e, isso, dificultava muito o desenvolvimento da aula. (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, 25 de maio de 2012).

No que se refere à atuação da professora no âmbito da sala de aula, verificou-se que a mesma não se encontrava preparada para atuar na educação infantil, pois, desconhece os principais conhecimentos fundamentais para se trabalhar com crianças, não dando liberdade para que as mesmas fizessem suas próprias atividades, limitando-se a tarefas repetitivas e em momento nenhum propondo alguma atividade que desperta-se a imaginação. Como destacamos em nossos registros, “A professora não dava a oportunidade das crianças fazerem suas próprias tarefas, ela mesma, era que recortava e colava as atividades, cabendo aos alunos à tarefa de colocar seus nomes” (DIÁRIO DE CAMPO, MAYRLA MARLA, dia 21 de maio de 2012).

Tal realidade se contrapõe ao papel do adulto frente às crianças, segundo a teoria do sócio interacionista, pois é importante, “[...] proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras, a fim de que as crianças possam fortalecer a sua autoestima e desenvolver suas capacidades”. (FELIPE, 2001, p.31).

Espera-se que as salas de educação infantil, sejam um ambiente rico, decoradas a partir das próprias produções dos alunos que são orientados pelo professor, sendo uma oportunidade de incentivar a auto-estima da criança, que sente que a sua atividade é importante, e valorizada. Porém, essa decoração deve ser realizada em um processo contínuo de acordo com as produções realizada em sala, tomando cuidado para não se tornar uma atividade imutável, assim como nos demonstra o autor:

A decoração de um ambiente deve ser criada, ao longo do ano, pelos usuários (educadores, crianças e pais). Não é preciso ter um espaço completamente pronto e praticamente imutável desde o primeiro encontro. O espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades, usos, etc. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 74).

Diferentemente da realidade da sala observada, que não tinha nenhuma atividade das crianças, até porque as atividades quase sempre eram realizadas nos cadernos e voltavam-se mais para os números e as letras do alfabeto. Sendo que “Em sala de aula, diferentemente do que eu esperava não tinha nenhuma decoração com atividades feitas pelas crianças, até por que elas pouco desenhavam ou pintavam”. (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, 25 de abril de 2012).

O nosso contato inicial com as crianças foi muito bom, fomos recebidas com muito carinho e atenção, todos os meninos ficavam a todo tempo se aproximando e perguntando nossos nomes, assim como querendo ficar sempre próximos de nós, algo que fiz questão de destacar em minhas impressões:

Sentíamos que as crianças estavam desconfiadas, pela nossa presença, assim como muito curiosas em saber o porquê que estávamos ali, ficavam constantemente perguntando a professora nossos nomes e se iríamos ficar ali por muito tempo. Era muito interessante sentir a vontade que elas tinham de estarem sempre próximos de nós. (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, 25 de abril de 2012).

O período de observação foi um momento para provocar em nós, estagiárias, nossas primeiras inquietações no que concerne a realidade de uma sala de aula de educação infantil, servindo como subsidio para nos encaminharmos à nossa futura prática pedagógica.

### **Prática pedagógica em sala de aula**

Diante das experiências vivenciadas no decorrer do nosso período de estágio constatamos que muitas foram às dificuldades encontradas no que concerne à busca pela articulação entre teoria e prática, pois, mesmo tendo conhecimentos teóricos e um objetivo de inovar em sala de aula, acabamos, inevitavelmente, nos deparando com uma série de problemas.

Algumas crianças não tinham ainda a noção de auto identificação, sendo assim, procuramos trabalhar esta realidade por meio de uma atividade em sala, na qual

valorizamos a importância da elaboração de crachás o que é muito importante nos primeiros anos de escolarização.

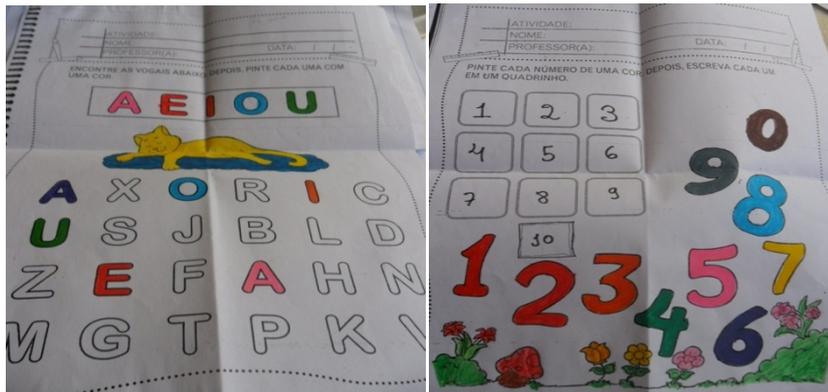


FOTOGRAFIA 1: Trabalhando a auto identificação..  
FONTE: Portifólio

Algo que acabou dificultando a execução das aulas, era a desproporcionalidade de idades dos alunos da turma, sendo que havia um, que por apresentar a idade mais avançada, na maioria das vezes rapidamente terminava as tarefas e ficava atrapalhando os demais e isso nos inquietava, pois as vezes considerando o atraso de algumas crianças mais novas acabávamos tendo que, constantemente, revisar o conteúdo, assim quando relatamos:

Continuamos revisando o conteúdo do dia anterior tendo que fazer alterações nos plano desta aula, pois as coisas não estavam acontecendo bem da maneira que esperávamos, sendo visível a variação de níveis de aprendizagem dos alunos. Sendo este um dos fatores que mais dificultava o andamento da aula, pois tinha um dos alunos mais velho que rapidamente assimilava o conteúdo e que inevitavelmente ficava brincando e desconcentrando os demais na hora das tarefas. (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, 8 de maio de 2012).

A falta de recursos também dificultava o desenvolvimento das crianças ao passo que as mesmas já estavam acostumadas a realizarem apenas tarefas prontas assim como é demonstrado nas seguintes imagens;



FOTOGRAFIA 2: Atividade de pintura e escrita dos número e das vogais.  
**FONTE** : GONÇALVES, kelly claudia,*Oficina para casa* – Ed. Desafio.

Porém, tendo conhecimento da importância do brincar no desenvolvimento infantil, independentemente das condições oferecidas no meio, tomamos como referência as palavras de Sialulys ao destacar:

[...] crianças precisam brincar, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou sociais, pois a brincadeira é essencial a sua vida. O brincar alegre e motiva as crianças, juntando-se e dando-lhes oportunidade de ficar felizes, trocar experiências, ajudarem-se mutuamente; as que enxergam e as que não enxergam as que escutam muito bem e aquelas que não escutam as que correm muito depressa e as que não podem correr (2005, p.9).

Logo, procuramos não nos limitar, apenas, a essas tarefas realizadas no papel, levando assim, para a sala de aula jogos de encaixe que continham as letras e as vogais que deviam ser reconhecidas e colocadas em uma sequência correta. O que, inicialmente, foi difícil, pois, não estavam habituados a vivenciarem tal realidade, sendo que a todo o momento ficavam nos perguntando quando iam começar a tarefa. Assim como destacamos: “Neste dia tentei propor uma dinâmica em sala, explorando a noção de espaço e a socialização entre as crianças, alguns participaram outros não, ficavam apenas me perguntando” “*E a tarefa tia?*”. (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, 16 de maio de 2012). “Para eles eram tudo muito novo, métodos nos quais eles não estavam acostumados” (DIÁRIO DE CAMPO, MAYRLA MARLA, 23 de maio de 2012).

Mesmo apresentando algumas resistências nas primeiras tentativas, com o tempo, as crianças começaram a aceitar e a gostar dos jogos e como consequência, pouco a pouco, foram melhorando a socialização entre si, diminuindo-se, assim, as brigas e falta de interesse pelo conteúdo. Isso pode ser constatado, em um dos jogos

realizados em sala de aula no qual se trabalhou a coordenação motora, aprendizagem das vogais e dos numerais de maneira mais dinâmica e proveitosa.



FOTOGRAFIA 3: Jogo de encaixe. FONTE: Portfólio.

Momento no qual, se percebeu claramente a relevância do jogo para facilitar o processo de aprendizagem, pois, foi durante o decorrer da atividade proposta que conseguimos uma melhor socialização dos alunos em sala de aula assim como um melhor aproveitamento sobre a temática estudada.

Os alunos não estavam acostumados ao ato da leitura, sendo que a professora as poucas vezes que lia para eles ficava com o livro em pé, não demonstrando as imagens, como tão pouco explorando o conteúdo no decorrer do enredo, o que causava nas crianças pouco interesse pela leitura, a mesma não conseguia entender que o papel do educador não é de detentor do conhecimento, mas apenas atuar como suporte para que a criança desperte o seu interesse pelo ato de ler,

Buscando reverter essa situação, considerando-se a importância da leitura no desenvolvimento da criança é que foi construído o cantinho da leitura, onde foram vivenciadas ricas experiências compartilhadas entre as crianças e nós estagiárias.



FOTOGRAFIA 4: Cantinho da leitura. FONTE: Portfólio

Sendo o local, no qual contávamos as histórias procurando instigar nas crianças a imaginação e a criticidade, dando-lhes oportunidade de exporem dúvidas e opiniões sobre, como também criarem sua própria história, assim como foi destacado:

[...] eu e minha colega de estágio peguemos o livro e fomos recontar a historinha, de uma maneira mais explicativa, ou seja, procuremos sentarmos em cadeiras juntos com todos facilitando o contato com o livro diferente da professora que contava em pé, demonstrando as figurinhas e questionando as crianças sobre as mesmas, reformulando quando necessário o próprio enredo da história dependendo de cada intervenção das crianças” (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, dia 28 de maio de 2012).

Outras atividades realizadas em sala e que realmente foram muito ricas, são as produções referentes a recorte e colagens, nas quais podemos perceber que algumas crianças não possuíam ainda, uma coordenação motora bem desenvolvida, precisando na maioria do tempo do nosso auxílio, algo que era muito bom para percebermos o quanto o papel do professor é importante para instigar na criança o desejo da aprendizagem e de superar suas dificuldades, realidade essa que pude vivenciar:

Neste dia, essa criança menor estava tão empolgada com oportunidade de fazer recorte com a tesoura, mais ao mesmo tempo triste, pois, não estava conseguindo. Então sentei junto com ela e o demonstrei pegando com muito cuidado em suas mãos os movimentos necessários para realizar o recorte das figurinhas, sendo, que o mesmo ficou muito feliz e saiu recortando vários papéis. Perceber o olhar de satisfação daquela criança era gratificante. (DIÁRIO DE CAMPO, VANESSA MARIA, 14 de maio de 2012).

Exploramos muito a coordenação motora fina com algumas atividades que exigiam certas habilidades, como recortar formas e colar grãos, como por exemplo, as lembrancinhas em homenagem ao dia das mães. Como pode ser ver nas seguintes imagens:



FOTAGRAFIA 5: Atividades confeccionadas em homenagem ao dia das mães.  
FONTE:Portifólio.

Essas foram apenas algumas das realidades vivenciadas e que serão com certeza um diferencial para repensarmos nossas futuras posturas em quanto profissionais em formação da área da educação.

### **Considerações**

O período de Estágio em Educação Infantil se constituiu para nós, como um momento de vários conflitos e contradições que podem em um momento inicial causar certo medo, no que se referem a nossa adaptação as creches e pré-escolas, mas que ao mesmo tempo, nos traz a oportunidade de nos encontrarmos com a realidade das salas de aula, dando-nos assim, subsídios para ancorarmos nossa prática pedagógica e refletirmos o nosso papel como educadores frente às necessidades de aprendizagem dos alunos. Sendo também um período que nos fez buscar configurar nossa prática de maneira a articular os conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer de nossa formação e a realidade prática das salas de aula, o que acarreta muitos conflitos, mas que ao mesmo tempo se faz necessário se decidirmos sermos profissionais capazes de contribuir para melhorias na realidade das creches e pré-escolas públicas.

Sair dos muros da faculdade e enfrentar a realidade prática existentes no âmbito das escolas públicas principalmente para quem está tendo seu primeiro contato com as salas de aula, não é apenas importante, porém, fundamental, assim, devemos ter um olhar não apenas crítico, mas também sensível para entender as dificuldades e limitações que cercam os profissionais desta categoria de ensino, assim como, sermos corajosos, para mostrarmos a luz das teorias os melhores caminhos para minimizar as dificuldades da prática pedagógica e valorizarmos os potenciais das próprias instituições de ensino que um dia faremos parte e principalmente de cada aluno que será encontrado nas mesmas.

### **Referências:**

BARBOSA, M. C. SILVEIRA; HORN, M da G. S. Organização do espaço do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva(Orgs.) **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COELHO, Ligia Martha. **Língua materna nas séries iniciais do Ensino Fundamental: de concepções e de suas práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva(Orgs.) **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo com descoberta criação**. In: MINAYO, M.C.S.(Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: Fundamento e Método**. São Paulo, Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. São Paulo, Cortez, 2004.

SIAULYS, Mara O. de Campos. **Brincar para todos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

#### **Fontes documentais:**

PORTIFÓLIO, Arquivo dos Planos de Aula e atividades realizadas no do Estágio Supervisionado em Educação Infantil de 25 a 29 de Abril / 07 a 25 de Maio de 2012.

SARMENTO, Mayrla Marla. DIÁRIO DE CAMPO: Experiências Vivenciadas Durante o Estágio, Cajazeiras de 25 a 29 de Abril/ 07 a 25 de Maio de 2012.

TEIXEIRA, Vanessa Maria. DIÁRIO DE CAMPO: Minhas Primeiras Experiências Pedagógicas, Cajazeiras de 25 a 29 de Abril/ 07 a 25 de Maio de 2012.